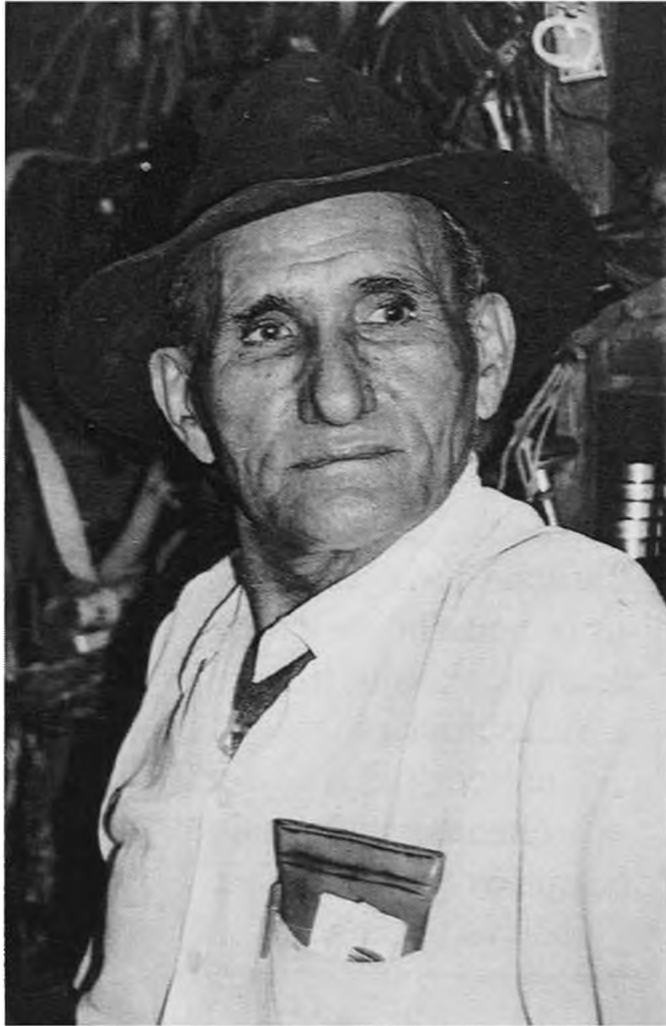


JOAQUIM DOS SANTOS RODRIGUES - SEU LUNGA

Personagem da vida real, figura lendária no imaginário popular



Seu Lunga carrega a fama de rude e grosseiro; reconhece que é "ignorante" e "rígido". Dois dedos a mais de conversa são suficientes para que o homem iletrado revele sua sabedoria originariamente popular.

Entrevista com
Joaquim dos Santos
Rodrigues,
o Seu Lunga,
dia 04/04/98.
Produção, redação,
edição e texto final:
Ester Lindoso, Leticia
Amaral, Raimundo
Madeira e Thais Amorim.
Texto de abertura:
Raimundo Madeira
Participação:
Ana Rita Fonteles,
Cinthia Medeiros,
Cristiane Bonfim, Débora
Lima, Enrico Rocha,
Isabel Brito, Ester
Lindoso, Janaina Vieira,
Laécio Ricardo, Leticia
Amaral, Maria Teresa
Monteiro, Mário Quinderé,
Raimundo Madeira,
Rodrigo Santiago e
Thais Aragão.
Foto: Enrico Rocha.

As histórias correm de boca em boca, transitam por mentes férteis em dar-lhes conotações exageradas, percorrem o Ceará de Norte a Sul, Leste a Oeste e vão alcançar outras terras. Ao longo do itinerário - sabe Deus onde começa e termina -, as histórias bem-humoradas de um homem mal-humorado multiplicam-se e recebem novos sentidos. Muitas são inteiramente inventadas, algumas sofrem adaptações e poucas traduzem a realidade. O protagonista, sempre o mesmo: Seu Lunga, uma figuração caricaturada que é rapidamente situada no imaginário popular, distanciada do mundo real e tida como lendária.

Componente do folclore regional, um pouco bode expiatório usado por um povo naturalmente gozador e brincalhão, o velho Lunga é quem menos ri das piadas que provocam tantos risos por aí afora. Autodenomina-se "um homem rígido" e reconhece que é ignorante, mas porque gosta "das coisas certas". E recomenda: "Antes de me fazer uma pergunta, pense três vezes". Alguns minutos de prosa são suficientes para perceber que a imagem desse personagem da vida real revela contornos que as histórias sobre ele ofuscam e confirma outros que o próprio Lunga não faz questão de obscurecer.

"O homem mais zangado do mundo", como já foi tachado em cordel, não é tão aborrecido assim. Pilheria, oferece versos às moças que o entrevistam e deixa escapar entre uma pergunta e uma resposta um sorriso timidamente contido, um olhar ligeiramente atencioso e um desejo latente de manter o contato com o interlocutor. Mas, na sua conversa, Lunga também alterna os momentos de fluência com os de explícito desinteresse em estabelecer o diálogo. Em geral, discorre espontaneamente sobre assuntos que considera importantes, reservando-se a ser lacônico quando responde sobre o que não lhe desperta atenção. Basta uma palavra ou, quando muito, uma única frase. E para "pergunta imbecil", uma resposta curta e grossa; algumas vezes, mordaz; outras, ferina.

As poucas letras - frequentou a escola apenas por dois meses - não lhe predeterminaram grandes dissabores. "Sou homem feliz". Nem a incapacidade de emitir opinião sobre assuntos variados: política, religião, moral... Seu Lunga é uma pessoa relativamente bem-informada. Se faltaram escola e academia onde pudesse adquirir a riqueza vocabular, ele vai buscar, espontaneamente, na linguagem e cultura populares recursos para construir o seu próprio estilo de comunicar e dizer o que pensa. Sua fala é repleta de provérbios, poesias, comparações, metáforas, ditos e expressões tipicamente comuns ao seu contexto histórico-social.

Mais do que a singularidade de reunir esses elementos para compor o seu linguajar, o Lunga surpreende pela percepção aguçada e visão de mundo atualizada que tem, mantendo-se em sintonia com o seu tempo, seja pelo pouco que lê ou vê nos meios de comunicação, ou pelas próprias lições que adquiriu na escola da vida ao longo dos seus 71 anos. No entanto, ao expressar suas opiniões, revela-se uma pessoa contraditória: ora, como o cidadão que aprecia a democracia, mas defende a reimplantação da ditadura; ora, como a pessoa humana que tem a sensibilidade de ser "caridoso" e prestativo, mas a dureza de não se permitir chorar ou viver emoções. "Homem não anda chorando por besteira. Homem é pra o que der e vier".

O Lunga insensível se diz moderado. "Não gosto de nada! E gosto de tudo. Eu sou um homem sem paixão". Mas é um homem de princípios. Fala em sinceridade e honestidade como atributos a serem irrecusavelmente adquiridos. E mostra-se decepcionado com as pessoas. "Hoje o que mais existe é traição". O Lunga político não fez carreira. Nem chegou a se eleger vereador por Juazeiro do Norte, onde mora desde os 16 anos, porque em 1988, na sua primeira e única candidatura, lhe "roubaram os votos". O Lunga religioso e devoto de Padre Cicero usa um rosário que a camisa esconde e vai pouco à missa porque acredita que religião é mais que isso, "é servir a quem bate na sua porta".

E quem bate à porta de Seu Lunga no Centro de Juazeiro - na rua da Conceição, onde mora, ou na rua Santa Luzia, onde trabalha - vai encontrar o Lunga sempre de chapéu de massa, pai de 13 filhos, pelejador há mais de 60 anos - iniciou a lida ainda criança, com 8. Vai ver também o Lunga insatisfeito com o que contam a seu respeito. "Por que não dizem o que eu sou?" E o Lunga crítico de TV, que reclama das novelas de cenas picantes e dos programas sensacionalistas. O desconforto com a imprensa é maior. Seu Lunga vive assediado por repórteres pedindo uma entrevista, o que "atrapalha" muito a sua vida e pouco contribui para revelar a imagem verdadeira do personagem de histórias engraçadas. "Cada dia que eu dou uma entrevista, vai ficando pior".

Assim é Seu Lunga. O personagem real que reúne elementos do personagem que já é mito; a figura humana que ficará imortalizada na figura lendária; a complexidade de um homem simplificada no folclore regional; a realidade que reinará para as posteridades como fantasia; o coadjuvante de um mundo real onde vive como protagonista de um mundo imaginário.



Depois de 574 km de estrada percorridos em 9 horas de viagem, os 16 alunos de Comunicação Social e os professores Ronaldo Salgado e Tadeu Feitosa chegaram ao Cariri.

Entrevista - O senhor prefere ser chamado de Seu Lunga ou do seu nome mesmo: Joaquim?

Seu Lunga - Tanto faz. Mas ninguém me conhece por Joaquim.

Entrevista - Quer dizer que pra falar com o senhor, tanto faz? Qualquer nome?

Seu Lunga - Bom, se você passa... "Bom dia", eu digo: "Bom dia". Nem você falou no meu nome, nem eu falei no seu.

Entrevista - Bom, como é que surgiu o apelido "Seu Lunga"? Como é que o pessoal começou a lhe chamar?

Seu Lunga - Quando eu nasci tinha uma negra velha... E nasci no pé da Serra de São Pedro. Aí essa negra velha foi quem botou esse apelido. Ficou me chamando de Calunga, Lunga... Aí ficou. *(Em algumas regiões brasileiras, o termo calunga é utilizado para se referir a um indivíduo negro; em outras, à pessoa de pequena estatura. Nos maracatus do folclore pernambucano, que influencia a região sul do Ceará e de onde Seu Lunga é originário, calunga é cada uma das duas bonecas que vão nas mãos dançantes das negras, e que recebem as gorjetas dos admiradores.)*

Entrevista - Ela morava na casa do senhor?

Seu Lunga - Ela não morava na minha casa. Era uma vizinha.

Entrevista - Por que ela começou a lhe chamar de Lunga?

Seu Lunga - Não sei. Eu não me lembro agora. Porque eu saí dali com idade de dois anos. Com idade de dois anos eu acho que ninguém se lembra de nada. Agora, com idade de quatro anos eu me lembro.

Entrevista - Você se lembra de que, mais ou menos?

Seu Lunga - Eu saí daí com idade de dois anos e ela ficou aí. Era uma vizinha lá do meu pai. Nós moramos perto da Serra de São Pedro. Aí nós fomos pro município de Assaré. Eu me criei no município de Assaré. *(a 49 km de Fortaleza, na região do Cariri, no Sul do estado, mesmo local onde nasceu o poeta popular, Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré.)*

Entrevista - E esse apelido aborrecia o senhor?

Seu Lunga - Bem, o apelido aborrece porque... Vamos supor: pode perguntar a esse meu vizinho aqui como é meu nome - Joaquim dos Santos Rodrigues - que ele não sabe. Então, isso aborrece porque às vezes é um

negócio, uma coisa... e aborrece. E outra: tudo deve ser real, né? Eu não acredito que apelido é uma safadeza da mãe de família ou do pai de família. Não se deve botar apelido nos seus filhos. Lá em casa tem umas meninas que a mulher bota apelido. E não chamam pelo apelido! Eu chamo pelo nome delas. Se ela é Maria, eu chamo Maria. Já por causa do meu apelido, eu acho que é um erro você botar um apelido. Em nada! Tudo deve ser real. Se botou real, por que vai botar apelido? Então, botasse logo o apelido como real.

Entrevista - Seu Lunga, você...

Seu Lunga - Quer dizer, essa é minha opinião, né? Não sei se você concorda.

Entrevista - ...Dessas lembranças que você tem com quatro anos de idade, você já estava em Juazeiro (do Norte)?

“Eu acho que a gente deve ter responsabilidade logo de criança porque (...) não vai estranhar quando crescer. (...) já tá acostuada, já sabe mais ou menos qualquer coisa, não vai estranhar.”

Seu Lunga - Já.

Entrevista - Chegou em Juazeiro com que idade?

Seu Lunga - Não, eu não tava em Juazeiro. Eu vim pra Juazeiro com idade de 16 anos. Eu com idade de 4 anos, meu pai foi pra Pernambuco e lá comprou uma farinha. Ele tinha uma tropa de burros. Eu me lembro demais que a gente veio, ficou em Santana do Cariri, que é uma cidade que tem aqui depois da Serra. E tinha-me nascido um carço em cima do pé e fiquei nos sacos de farinha: eu sentado e o pé inchado. E eu tinha quatro anos de idade.

Entrevista - E o senhor teve uma educação rígida? Como foi a educação do senhor?

Seu Lunga - Uma educação desses pais de família sérios, homem de responsabilidade, homem de caráter, homem de palavra, homem de respeito. Quer dizer, eu acho que nós devemos ter essa educação. Eu não me queixo da minha educação. Eu acho que essa juventude hoje toda atravessada, toda

safadeza... Isso é uma safadeza! Eu entrar no seu setor? Dizer palavrão? Dizer isso e aquilo...? Nãaa. Eu não fumava... Eu comecei a fumar novo, mas eu não fumava na vista de meu pai. Ninguém chamava nome na vista de meu pai. O que ele dizia a gente respeitava e cumpria aquele dito dele. Então eu não acho que foi um erro a minha educação.

Entrevista - O senhor tem treze filhos, isso?

Seu Lunga - Tenho treze filhos.

Entrevista - E, de certa forma, a educação que o senhor recebeu dos seus pais foi a educação que o senhor procurou dar aos seus filhos?

Seu Lunga - Foi a educação que eu procurei dar a meus filhos, mas infelizmente... É um casal, né? Porque eu acredito... Eu acho que você é mais nova do que eu, né? Eu já tou completando quinze anos e você já deve ter uns...

Entrevista - Uns dez (risos).

Seu Lunga - Você já deve ter uns dez, né? Pois bem. Eu acho que você deve estar de acordo com o seu marido. Quando ele é um homem de responsabilidade, um homem de caráter, um homem mais ou menos; não é um desses homens acanhados, não é desses homens atirados... você deve estar de acordo com ele. Porque é um erro (dar) duas educações. Minha mulher já é o contrário, viu? Minha mulher é contra se castigar um filho. Então, eu quero que você me dê a resposta: como é que você se forma sem ir à escola, sem

ninguém lhe ensinar? Você tem que ter uma disciplina, tem que ter uma educação pra poder se formar (Pequena pausa. Barulho de um carro de som que fazia propaganda de uma cerveja). E outra: eu acho, cá com os meus botões, um grande erro dessa lei de menor *(Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigor desde 1990)*. Eu acho que vocês são tudo de menor, né? Essa daqui só tem 12 anos (apontando para uma das alunas), essa outra só tem 14 (risos). Tudo são de menor. Mas me diga uma coisa: se você é disciplinada com idade já de 4 anos - porque um menino de 4 anos já entende qualquer coisa - até 18 anos, dentro de uma moral, de um respeito; dentro de uma consideração, de uma disciplina certa! (incisivamente)... Não é como hoje. Eu vou lhe contar um exemplo. Chegou um senhor aqui bem parecido e um menino com idade mais ou menos de 5 anos. Aí ele foi olhar um cano ali. Eu fui saindo e bati na cabeça do menino aqui e disse assim: "Deixa, que o teu pai tá ali. Ele vem nesse

Eram 2:15h da madrugada de 4 de abril quando a turma aportou ao lado do Crato Hotel, onde havia sido feita a reserva da hospedagem. Os quartos reservados estavam ocupados.

instante". "Sai do mei, fi de rapariga!!" Quer dizer, isso não é educação, não acho que seja. Eu digo: "Mas rapaz, como é que tu, deste tamanho, já tá criando uma serpente dessa?" Porque tem o jeito de respeitar...

Entrevista - O senhor era uma criança danada?

Seu Lunga - Não. Eu nunca fui muito perigoso. Agora, eu fui um menino ativo, um menino de responsabilidade... Porque dizem que "o espinho que tem que furar, de pequeno traz a ponta". Ou não? O menino que tem que ser inteligente, mostra a inteligência logo de criança. Tem menino que é burro, tem menino que não tem inteligência. Você diz uma coisa três, quatro vezes; ensina, o cabra não aprende. Eu toda vida fui um cabra meio aprendido. Não precisa a pessoa dizer muitas vezes uma coisa pra eu aprender.

Entrevista - E o senhor trabalhou com o seu pai?

Seu Lunga - Trabalhei. Eu comecei a trabalhar com idade de 8 anos.

Entrevista - Fazendo o quê?

Seu Lunga - Eu trabalhava na roça. Trabalhava na roça e na luta. Meu pai tinha criação de gado, de bode, de ovelha, de porco... Então, eu com idade de 8 anos já comecei a trabalhar. Eu acho que a gente deve ter responsabilidade logo de criança porque aí você não vai estranhar quando crescer. Você já tá acostumada, já sabe mais ou menos qualquer coisa, não vai estranhar, né?

Entrevista - Seu Joaquim.

Seu Lunga - Pois não.

Entrevista - Ainda sobre a infância, que recordações o senhor guarda do convívio com os irmãos e com os colegas de infância, as brincadeiras?

Seu Lunga - Homem, infelizmente a gente não tinha quase colega. A gente morava nos matos. Eram oito irmãos homens. A gente brincava uns com os outros, mas tinha respeito uns pelos outros porque meu pai educou a gente: o mais novo respeitando o mais velho. Então, o mais velho dizia uma coisa e o cabra obedecia. Uma vez, eu mandei um irmão meu mais novo abrir uma porteira e ele disse que não ia, não. Eu disse: "Tá certo". Aí falei pro meu pai e meu pai castigou ele porque ele me desobedeceu. Então, nunca mais... Quando a gente mandava, ele ia fazer.

Entrevista - O senhor tem contato com os seus irmãos até hoje?

Seu Lunga - Tenho.

Entrevista - Eles moram aqui em Juazeiro?

Seu Lunga - Moram.

Entrevista - E os seus filhos, onde é que eles estão?

Seu Lunga - Tão quase tudo aqui no Juazeiro.

Entrevista - Quantos anos tem o mais novo?

Seu Lunga - Deve ter uns trinta anos.

Entrevista - E como é que é o relacionamento do senhor com eles, os seus filhos?

Seu Lunga - Bom. Com meus filhos é bom.

Entrevista - Eles costumam vir aqui visitar o senhor?

Seu Lunga - Eu, por enquanto, só tenho duas filhas fora: uma em Recife e outra em Fortaleza. Essas duas são formadas, trabalham nos hospitais. Elas vêm no Natal, vêm em tempo de férias e às vezes vêm antes. Pensa que não e elas tão aqui.

"Eu acho que tudo o que
você for fazer, pense. Se
você vai falar pra mim,
pense. Diga uma coisa
com base, com lógica. (...)
Quase todo mundo,
professor, doutor... (...)
fala errado."

Entrevista - E quanto à educação, os seus filhos foram...

Seu Lunga - O único que não se formou foi porque não quis.

Entrevista - Todos são formados, exceto um?

Seu Lunga - Não formatura alta (ele se refere à formação de nível superior), mas tudo são de professora pra cima.

Entrevista - Seu Joaquim, e o senhor chegou a estudar, frequentar algum colégio?

Seu Lunga - Quase nada. Eu só tive dois meses de escola.

Entrevista - É verdade que o senhor gosta de poesia?

Seu Lunga - Eu às vezes faço uma poesia, eu crio uma poesia.

Entrevista - Mas o senhor chega a escrever essas poesias?

Seu Lunga - Não, não, eu crio uma poesia. Como bem: eu estava em minha casa/ suspirando a pensar/ eu olhei para os astros/ mas veio lá da capital/ veio uma grande turma/ mas que veio me entrevistar. Isso é uma

poesia. Quer dizer, o cabra cria... (risos e aplausos). Agora, vou fazer uma pra você. Como é seu nome?

Entrevista - Leticia.

Seu Lunga - Leticia? Bom! Se a beleza de Leticia fosse numa imperatriz/ mas o homem do nosso Estado/ tivesse a sorte feliz/ tivesse a ela por esposa/ era o mais rico do país (risos e aplausos). Agora, vou com essa que é novinha (aponta para uma das alunas). Desta terra que é sublime/ deste mundo de horror/ desta terra que vaporava/ vaporava um grande calor/ mulher nova e carinhosa/ se geme sem sentir dor (mais risos e aplausos).

Entrevista - Seu Joaquim, mas o senhor já chegou a pensar em escrever algum livro dessas poesias?

Seu Lunga - Não, não.

Entrevista - Por quê?

Seu Lunga - Cada cabeça é um mundo/ e cada doído tem uma mania/ Me deito na terra quente/ me acordo na terra fria/ Peguei na perna da véia/ pensando que era da fia/ mas perna de véia arranha/ e perna de moça é macia. Dei a resposta sua aí (mais risos).

Entrevista - E o senhor lê esses cordéis que a gente vê no Juazeiro?

Seu Lunga - Quase nada. Eu não tenho muito tempo, não. Estou até com vontade de processar aquele rapaz daquele cordel.

Entrevista - Que rapaz?

Seu Lunga - Esse que fez esses cordéis. Eu não dei autorização a ele.

Entrevista - É o Abraão Batista? (Professor da Urca - Universidade Regional do Cariri - e cordelista de Juazeiro do Norte que publicou o cordel "Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo").

Seu Lunga - Não. Quem faz. Se é você, você tá na lista, né? Você se sente bem se eu dizer que você estava roubando lá acolá, na esquina?

Entrevista - De jeito nenhum.

Seu Lunga - Você se sente bem eu dizer que você é uma caneca (da expressão pintar o caneco, equivalente a pintar o sete - traquinar, fazer travessura), uma cínica, uma safada? Eu acho que você não se sente bem. Então, eu dizer o que você não é, é o mesmo caso. Dizer o que a pessoa é! Dizer o que você faz! Mas dizer o que não faz eu acho um erro.

Entrevista - E o que o senhor acha do que falam a seu respeito?

Seu Lunga - Eu acho que é um cara clínico, uma criatura sem caráter, uma criatura sem moral. Quer dizer, inventar, dizer uma coisa, inventar uma



O contato com a gerente, o telefone do Hotel e uma lista telefônica foram negados pela recepção. Mas a aluna Cristiane Bonfim conseguiu pelo Informador Popular o número do telefone da gerente.

Às 3:15h: a solução. Toda a turma, do hotel ao motel! Não, não era uma grande suruba. Era o único local que a gerente havia conseguido...



Às 3:30h, a equipe entra ao antro luxurioso, entre acessos ora de maledicências, ora de gargalhadas. Quemustado, hein! Mas eram apenas antecedentes de outra ventura...

coisa sem pé, sem cabeça...? Quer ver? Eu vou lhe citar uma. Chegou um senhor aqui do Rio de Janeiro e veio me fazer essa pergunta: "Seu Lunga, me contaram que o senhor estava retelhando uma casa e a pessoa passou e disse: 'Seu Lunga, tá retelhando?'. E o senhor quebrou as telhas tudinho". Isso é papel pra louco, né? Papel pra louco. Como é que eu vou quebrar as telhas tudinho? Isso é uma pergunta imbecil. Eu acho que tudo o que você for fazer, pense. Se você vai falar pra mim, pense. Diga uma coisa com base, com lógica. Quer ver? Eu vou lhe fazer uma pergunta... Nós, brasileiro, fala muito errado (sic). Quase todo mundo, professor, doutor... Todo mundo fala errado. Em primeiro lugar, vamos supor que você vem aqui ou vai numa casa e pergunta: "O senhor não tem isso?" Tá certo essa palavra? A pergunta é "você tem?", e seja o que for. Mas aqui tem gente que pergunta: "Esse ventilador tá funcionando?" (elevando a voz e apontando). É uma pergunta errada. Não tem nenhum funcionando. "Esse ventilador funciona?". A pergunta tá certa. Eu dizer que você tá sentada, você tando em pé? Não pode! A gente deve pensar pra poder falar. Outra: até pra pedir menos... Aliás, esse diálogo pode até servir pra você. Tu vem comprar essa revista (pega uma revista em cima do balcão). "Quanto é essa revista?". "Isso é 2 reais". "O senhor faz por 1,50?".

Ela já tá feita! (riso exagerado de uma transeunte) É por que é que eu vou fazer? Agora você diz: "Dá pro senhor vender por um?". Eu acredito que, se der (pra vender), a criatura vende. Mas o povo não fala desse jeito. É só dizendo "Você faz?" (elevando a voz). Ora, se a danada já tá feita, como é que eu vou fazer? Quer dizer, tem que fazer uma menorzinha que é pra poder ser mais barato.

Entrevista - Então, essa história de que o senhor é ignorante começou a se espalhar com esse cordel?

Seu Lunga - Não, criatura. É o seguinte: eu acredito que é porque eu não faço menos. Às vezes a pessoa chega e diz: "Seu Lunga, o senhor tem um parafuso?". Eu digo: "Tenho. Qual é o parafuso?". Aí ele diz: "Ah, qualquer um". Eu tinha um parafuso grande aqui... Essa prateleira é 60, 50 centímetros (apontando) e o parafuso era maior. Eu disse: "Pois não, chefe, se é qualquer um, né?". Então eu pegava outro parafuso e entregava (gesticula). "Nada, não é esse!" (elevando a voz). "Então não é qualquer um", né? Não pode ser qualquer um.

Então, por isso é que eu digo que a gente fala muito errado. Agora, quem é certo hoje é que é o errado. Eu não acredito que eu lhe receba mal se você chegar dentro do ritmo. Porque, me diga uma coisa: você mandou fazer essa rosca pra esse parafuso. Aí quando eu vou lhe entregar, como é que você fala pra mim?

Entrevista - (a equipe hesita e não responde)

Seu Lunga - Vai!!

Entrevista - Pergunto se ela já tá pronta, não é?

Seu Lunga - Não. Você tá vendo que já tá pronta. Eu vou lhe entregar. Vamos supor que você já recebeu. O que você diz pra mim?

Entrevista - Quanto é, né?

Seu Lunga - Mas três quartos do povo só diz quanto foi. "Quanto foi?" Quer ver? Como é que você se chama?

Entrevista - Débora.

"Porque eu quero que seja certo, então, eu sou ignorante. Os sábios, os sabidos são vocês que falam errado. Chega, diz uma bobagem e é quem é certo."

Seu Lunga - Débora, então eu bato na tua porta (toc, toc, toc - batendo no balcão). "A Débora tá aí?" Aí diz: "Tá". "Débora, eu vou saindo" e vou entrando, "eu vou saindo" e vou entrando... Tá certo? Responda! Tá certo ou tá errado?

Entrevista - Tá errado.

Seu Lunga - Então eu passo e digo: "Boa noite, Débora". E não é nem meio-dia. Tá certo? Então, eu acho que a gente deve pensar. Não tem condições de você dizer quanto foi. É 'quanto é'. 'Quanto foi' é intermediário. Então, por isso é que eu sou ignorante.

Entrevista - Por que você fala as coisas de forma certa.

Seu Lunga - Porque eu quero que seja certo, então, eu sou ignorante. Os sábios, os sabidos são vocês que falam errado. Chega, diz uma bobagem e é quem é certo.

Entrevista - Seu Joaquim, o senhor falou sobre a sua infância. Vamos falar um pouquinho agora sobre a juventude do senhor. Que recordações o senhor tem da sua juventude? O senhor era um jovem calmo, agitado...?

Seu Lunga - Não, nunca fui agitado.

Entrevista - O senhor gostava das festas da cidade?

Seu Lunga - Eu não gostava porque a gente morava muito longe de cidade. A gente às vezes ia na cidade - com idade de dez anos - com o meu pai, mas ia com um negócio pra vender, fazer uma feira... Ninguém falava em cidade. Eu me criei até os dezesseis anos nessa luta. Agora, você diz: "Derribar boi, amansar burro..." Aí eu sei contar!

Entrevista - Como foi o casamento do senhor? O senhor se casou cedo?

Seu Lunga - Não. Eu me casei já tinha vinte e dois anos. A origem de eu ter vindo pra cá é porque eu cai dentro de uma cacimba. Aí fiquei doente, não agüentava o banheiro da luta, do trabalho... Aí vim e aprendi a arte de ourives. Passei dois anos e pouco na arte de ourives. Eu comecei a fazer anel, cordão. Entendi de negociar. Comecei a negociar no Mercado (Mercado Público Municipal), e do Mercado passei pra cá.

Entrevista - O senhor era um jovem namorado ou era um rapaz tímido?

Seu Lunga - Não, eu nunca fui namorado. Agora, as meninas gostavam, queriam namorar comigo; mas nunca fui muito namorado, não. Mas eu era perseguido das mulheres. A verdade, é bom que se diga, né? (elevando a voz). Tinha um viúva - eu era menino, rapazinho - a quatro léguas de distância. Essa viúva se 'aponderou' (no sentido de ficar apaixonada) por mim. Eu acho que aquilo era uma doida, pois ela foi a um passeio só pra me ver. Maluca! Eu estava com a idade de quinze anos nesse tempo, mais ou menos. Pois olhe, falando assim sério, eu nunca fui muito atirado. As meninas é que se atiravam pra cima de mim. E outra: eu acho que a mulher também não deve ser muito escandalosa. Minha opinião, né? Mulher toda pintada, quase os seios de fora, a bunda de fora. Não dá, não dá... A mulher deve ter moral. É como o homem. Passa uma dona acolá, o cabra todo enxerido... Isso não é papel de homem; é papel de caneco, de canalha, de cabra sem-vergonha. Homem deve ter moral.

Entrevista - Onde foi que o senhor conheceu a sua esposa? Como foi o primeiro contato com ela?

Seu Lunga - Ela é minha prima. Eu trabalhava aqui. Então, eu tinha um primo - Zé Camilo. A gente andava às

Depois de um pernito no Motel Premier, era chegado o momento mais importante: a entrevista com Seu Lunga. A equipe vivia um clima de expectativa.

vezes aqui na cidade e se comunicava. Ele tinha uma bodega e eu passei um bocadinho de ano me comunicando. Então, eu entendi de casar com minha prima e casei. Até hoje nós estamos agarrados os dois!

Entrevista - Com quantos anos o senhor se casou?

Seu Lunga - Eu me casei em 51.

Entrevista - Como foi a primeira vez que o senhor a viu, que o senhor encontrou a sua mulher? Ela chamou a atenção pela beleza?

Seu Lunga - Quando eu encontrei, ela não era minha mulher (risos). Quando eu encontrei ela, quando eu avistei ela, quando eu me aproximei dela, eu era menino. Quando eu vim aqui pro Juazeiro, ela também era menina. Então, o pai dela era meu tio; a mãe dela também era minha tia. Então, ela era menina e eu menino.

Entrevista - E o namoro começou...

Seu Lunga - Não, eu não tive quase namoro com ela.

Entrevista - Pediu logo em casamento?

Seu Lunga - Eu fiz o seguinte. Eu falei casamento com ela desse jeito - parece mentira, mas é verdade... Eu falei casamento com ela numa quinta-feira: "Olhe, você tem três dias pra pensar". Quando foi no domingo à noite eu perguntei se ela queria. Ela disse que queria. Eu falei ao velho - ele vivia no Pernambuco, mas tinha chegado - pra gente casar na segunda-feira.

Entrevista - Tudo isso se resolveu em quatro dias?

Seu Lunga - Não. Pelo meu gosto era. Ela falou ao velho que a gente casava na segunda-feira. Ele disse: "Não. Casamento vexado, não sei o quê...". Eu digo: "É a mesma coisa de demorado."

Entrevista - Ai demorou quanto tempo?

Seu Lunga - Demorou uns dois ou três meses. Não me lembro direito. Deve ter sido uns dois ou três meses. O velho disse que precisava comprar o enxoval... "Que diabo de enxoval, homem!!". Só não casa se não tiver dinheiro para o padre. Só era comprar a licença, chegar lá, pagar o padre e a gente casava. Segunda-feira casava. Comprava os panos e tudo. Vapt-vupt. Ora, por que demora? Eu vou lhe citar o caso do casamento. Você começa a namorar um rapaz e vai, vai, com dois, três meses, cinco, oito, um ano, isso, aquilo, lá vai... De qualquer maneira existe queixa. "Mas, fulano passou tantos anos...", "fulano não me convidou", "a festa não prestou"... Eu vi logo. E assim não tem festa!! Casamento não tem festa porque

ninguém satisfaz a ninguém. Porque tem um ditadinho - e você pode aprender, e você pode fazer análise - que é uma realidade, que diz assim: "Meu Deus, como hei de viver neste mundo enganoso?/ Se eu não como, sou mesquinho/ Se como muito, sou guloso/ Se corro, me chamam mofino/ Se mato, sou criminoso?". Não é verdade? Quer dizer que, se (esse alguém) passara aqui, (vão dizer): "é um criminoso", "êta, fi da peste", "olha ele ali". Ai se corre, é "pé na bunda", "cabra sem-vergonha", "é mofino", "ô, desgraça!". Porque não tem ninguém que satisfaz a ninguém. Então, eu disse a meu sogro: "Se o senhor quiser dar qualquer coisa, o senhor dá. E a gente vai, compra um tamborete hoje, uma coisa amanhã, e quando pensar que não, tá mobiliado".

Entrevista - Seu Joaquim, após tantos anos de casado, que

**"Você só sabe quando
uma pessoa é boa quando
come três sacas de sal
junto com ela. Aí você
sabe se ele é generoso,
(...) ladrão, (...)
preguiçoso, (...) esperto!"**

experiências e lições o senhor tem tirado do casamento que poderia contar pra gente?

Seu Lunga - Você vai se casar, é casado ou tá com vontade de casar? (risos)

Entrevista - Talvez. Estou com vontade.

Seu Lunga - Pois olhe: "Tem três coisas no mundo que não pertencem a ninguém/ que é ir para o meio das estradas/ esperar por quem não vem/ ensinar caminho a doido/ e correr atrás do trem". Não adianta você fazer essas coisas. (Risos). Garoto, sobre o casamento até nas histórias diz: "Casate o teu filho com o filho do teu vizinho". Por quê? Porque o teu pai, a tua mãe, o teu avô, o teu tio, o teu parente conhecem aquele vizinho. Você só sabe quando uma pessoa é boa quando come três sacas de sal junto com ela. Aí você sabe se ele é generoso, se ele é ladrão, se ele é preguiçoso, se é esperto, se é isso ou aquilo! Com três sacas você faz uma análise da convivência. Agora, a pessoa boa, a criatura que tem personalidade,

compreensão, lógica, que tem visão, que pensa pra poder falar vive em paz com todo mundo. Você casa com uma criatura meio sapecada e você tolera aquela sapecação da mulher, e essa coisa toda, na base do convívio. Mas se você não tiver essas credenciais... é vapt-vupt, tão apartados e pronto. Acabou.

Entrevista - O senhor casou com que idade?

Seu Lunga - Eu me casei tinha 21 anos.

Entrevista - Quantos anos tinha a sua esposa quando se casou?

Seu Lunga - A minha mulher é mais nova do que eu dois anos.

Entrevista - Seu Lunga, já aconteceu alguma coisa na sua vida que ainda hoje o senhor lembra e se emociona, sente vontade de chorar?

Seu Lunga - Não. Eu acho que o homem não anda chorando por besteira. Homem é pra o que der e vier. Olha, eu tive um pequeno susto. Eu morava na praça do São Vicente e meu pai morava na rua da Conceição (no Centro de Juazeiro do Norte). Quando deu uma chuva grande - eu não tenho nem lembrado que ano foi - o oitão da casa desmoronou. Então, chega um irmão meu e diz: "Lunga, eu vim lhe dizer que a casa caiu por riba do povo tudinho". Ai eu senti aquele choque só. Eu digo: "Quem escapou?". Ele diz: "Não, não morreu ninguém". A casa arriou da sala até a outra sala, mas tinha as meias-paredes. E na sala não dormia ninguém. Não morreu ninguém, mas foi uma bagaceira. Então, eu senti aquela emoçãozinha. Mas tudo no mundo é possível e a gente deve ser forte pra rebater, pra agir nas coisas em qualquer momento.

Entrevista - E uma decepção com um filho, com um amigo grande... O senhor tem muitos amigos?

Seu Lunga - Não. Porque amigo é tão difícil que você só considera seu amigo na sua ausência. Na presença, não. Aquele que lhe defende na sua ausência, faz o possível por você na sua ausência... esse é que é o amigo. Amigo é coisa difícil! É coisa difícil! E como é difícil! Sempre seus amigos são seus pais.

Entrevista - E o senhor já foi traído por alguém que se dizia ser seu amigo?

Seu Lunga - Meu bem, hoje o que mais existe no mundo é traição, principalmente você entrando na luta em comércio, na luta de qualquer coisa, de política, de trabalho... Você é traído por todo mundo porque o povo só lhe bota pra trás. Ninguém tem mais aquela



A entrevista aconteceu na casa de peças (ou sucata) do Seu Lunga, na rua Santa Luzia, 588, centro de Juazeiro. Na fachada, a placa: "Compre-se e vende sucatas".

Com início às 10:35 h do dia 4 de abril, a entrevista durou 80 minutos. Na chegada, os alunos encontraram Seu Lunga ao fundo de sua loja envolvido com seu trabalho.



Assim que a turma chegou, um transeunte disse para um dos integrantes da equipe: "Vão mexer mesmo com Seu Lunga?"

compreensão, aquela lógica de "dar a César o que é de César".

Entrevista - Seu Joaquim, o senhor hoje trabalha com casa de peças. Mas quando o senhor era jovem, tinha algum sonho, vontade de trabalhar com outra profissão, mudar-se pra capital...?

Seu Lunga - Não. Eu não tinha sonho nenhum, eu nunca pensei em vir pra cidade, nem em trabalhar nisso ou naquilo.

Entrevista - Mas o senhor sempre trabalhou com comércio de sucata?

Seu Lunga - Não.

Entrevista - O senhor queria ter frequentado mais a escola...?

Seu Lunga - Bem, eu lutei muito com o meu pai, mas ele disse que não tinha condições de pegar um filho e botar na cidade, pra estudar.

Entrevista - E além disso aqui, o senhor trabalhou mais com o quê?

Seu Lunga - Eu luto com isso aqui e tenho um terrenozinho ali. Eu luto com uma criaçãozinha de gado, eu tenho uns boizinhos de engorda e tenho uma agriculturazinha. Eu planto milho, feijão; tenho um terrenozinho ali com um bocadinho de fruta...

Entrevista - O senhor se considera um homem realizado? O senhor tem tudo o que queria?

Seu Lunga - Me considero, me considero porque... "rico é aquele que se conforma!" (enfático). Porque a pessoa não se conformando, toda vida é pobre.

Entrevista - O senhor é um homem feliz?

Seu Lunga - Sou feliz. Não me considero infeliz. Sou homem feliz.

Entrevista - Os seus filhos lhe ajudam também?

Seu Lunga - Não. Meus filhos não me ajudam. Nenhum.

Entrevista - Mas o senhor ajuda algum deles financeiramente?

Seu Lunga - Ajudo sempre quase a todos.

Entrevista - Mas você gostaria que seus filhos lhe ajudassem ou você não faz questão?

Seu Lunga - Não, não precisa. Agora, é bom você ter os filhos que lhe ajudem, que lhe dêem tranquilidade, alegria, prazer... (para e chama por um dos seus ajudantes - "Zé" - para atender a um cliente).

Entrevista - Seu Joaquim, há quanto tempo o senhor trabalha com peças?

Seu Lunga - Eu já falei isso!

Entrevista - E o senhor, pra trabalhar no ramo, adquiriu experiência com alguém, foi alguma influência da família?

Seu Lunga - Não, não. Pra você lutar com qualquer coisa não precisa às vezes nem tomar experiência. É só você ser um cara inteligente.

Entrevista - E... aqui você vende de tudo...?

Seu Lunga - Não, porque no mundo ainda não existe de tudo (risos). Você sabe que no Japão, o governo sustenta 600 cientistas dentro de um prédio só idealizando coisas pra soltarem no mundo. Então, todo dia aparece novidade, novidade, novidade, novidade... Olhe, corrija como é e faça a pesquisa pra você ver. De vez em quando você vê uma coisa que nunca viu.

Entrevista - Seu Lunga, o senhor me parece ser bem informado. O senhor gosta de assistir ao noticiário, ver jornal...?

Seu Lunga - Eu às vezes gosto de assistir (a) o jornal.

Entrevista - Pra saber notícia do mundo?

"Agora, eu faço como o outro: "Eu sou um homem sem paixão" (...)
Não gosto de nada!!
(enfático). E gosto de tudo. Eu sou temperado, né?"

Seu Lunga - É... Pra saber notícia de um pedaço do mundo.

Entrevista - O senhor disse que estudou pouco, mas conseguiu aprender a ler ou não?

Seu Lunga - Consegui.

Entrevista - E costuma ler alguma coisa?

Seu Lunga - Às vezes eu não leio mais porque não tenho tempo.

Entrevista - E o que o senhor gosta de ler?

Seu Lunga - Agora, eu faço como o outro: "Eu sou um homem sem paixão". "Eu gosto disso, eu gosto daquilo!" (entusiasmado). Não gosto de nada!! (enfático). E gosto de tudo. Eu sou temperado, né? Se eu chegar na tua casa, tu tá comendo mucunzá, eu como. Não tem problema. "É só farinha seca!". Nós vamos imbora! "Tem é bacalhau cru". Nós come! Aí disseram: "Não, tem é uma gia". Nós come! Só nunca comi cururu, mas o resto... (risos) "Não, não gosto disso!" Filho da puta, tu não tá com fome! Que a fome é quem faz você comer e a dor é quem ensina a gemer.

Entrevista - E por falar nisso, o senhor já passou alguma experiência de seca, de necessidade, de ter de passar fome ou a família?

Seu Lunga - Não. Graças a Deus nunca passei fome e nunca minha família passou fome.

Entrevista - Mas o senhor já vivenciou secas?

Seu Lunga - Já, já tenho visto. De vez em quando aparece aqui no nosso Nordeste seca, miséria. Isso aqui todo dia é uma miséria. É gente pedindo pra isso, pr' aquilo, não sei o quê, blablablá. A gente faz o que pode, né?

Entrevista - O senhor costuma dar esmolas, ajudar as pessoas?

Seu Lunga - Adoro. Costumo ajudar o possível a quem quer que seja. Não tem decepção. Você pode ser uma menina, uma velha, uma doida, um velho... Não tem problema. Eu podendo ajudar, não vou desajudar.

Entrevista - O senhor já fez alguma coisa que depois chegou a se arrepender?

Seu Lunga - Não. Aquilo depois de feito... "Pancada dada, nem Deus tira". Então, eu já fiz, não adianta me arrepender (pausa). Pode perguntar.

Entrevista - E alguma coisa que o senhor não fez e se arrependeu depois?

Seu Lunga - De vez em quando surge alguma coisa que a gente podia ter feito, mas não fez. Às vezes é uma compra; às vezes é uma viagem, um passeio, uma coisa... que surge, que deveria ter feito, mas não fez.

Entrevista - Seu Joaquim, o senhor disse que gosta de poesia, de recitar poesia. Mas além de poeta, o senhor gosta de se dedicar a algum outro tipo de arte? O senhor gosta de música? Toca algum instrumento?

Seu Lunga - Não toco instrumento nenhum.

Entrevista - Mas gosta de música?

Seu Lunga - Gosto. Aliás, eu até fiz uma musicazinha. Vocês vão estranhar, mas não tem problema, viu? Eu fiz uma música e vou cantar. Pode até um de vocês, sendo inteligente, aprender (risos). É. Sendo inteligente. Sendo burro não aprende. Porque da primeira vez não é possível (pigarreia). Sou neto do rei Congo/ sou filho do bicho homem/ Na minha terra querida/ quem não trabalha não come/ Fica magro, suspirando/ parecendo lobisomem/ Na minha terra querida/ quem não trabalha não come/ Vou subir por essa serra/ vou sair do outro

Na sucataria de Seu Lunga, estavam à venda painéis, serrotes, ventiladores, carrinho de bebê, parafusos, ferro de passar à brasa, cocos, macaúbas, chocalho para bobs...

lado/ Vou cortando com minha foice/ vou findar com meu machado/ Mas vou provar a este povo/ que eu dou conta do recado. Aprendeu? (risos)

Entrevista - Não. Mas tá gravado.

Seu Lunga - Aprendeu?

Entrevista - Vamos aprender. Será que todo mundo aqui é burro, hein?

Entrevista - Ó, Seu Lunga, em várias entrevistas, o senhor já manifestou a sua insatisfação com as histórias que correm de boca em boca a seu respeito, mas o senhor já admitiu nesta entrevista, hoje, que é "ignorante". Isso, de alguma forma, interfere na sua atividade aqui no comércio? O senhor percebe que, em virtude disso, o número de clientes - as pessoas que procuram a sua loja - é reduzido?

Seu Lunga - Infelizmente... (mostra os dedos da mão espalmada) não são iguais, né? Tem muita gente que me considera e outros querem fazer gozação. Então, não é interessante... Se eu passo aqui nessa rua e um cabra chega: "Seu Lunga, você já vai?". Isso é tapeação.

Entrevista - O senhor se acha incompreendido?

Seu Lunga - Eu acho que isso é um erro, né?

Entrevista - Seu Lunga, o senhor disse que as pessoas inventam muitas histórias a seu respeito, não é isso? Mas o senhor...

Seu Lunga - Não é que eu disse. É verdade. O povo inventa história. Eu acho um erro você dizer uma coisa que eu não sou. Por que não diz o que eu sou?

Entrevista - Então, as pessoas podem ter pego alguma coisa que o senhor fez e inventado em cima disso, não é?

Seu Lunga - Sim, mas aí eu não acredito que você seja uma moça de caráter, de responsabilidade, de moral e você tá inventando história, mentindo. Você tem que dizer a verdade.

Entrevista - Então, o que na realidade você fez que o povo aumentou?

Seu Lunga - Sim, mas aí se você aumentou, a carapuça aprega na cabeça de quem tem ela, né? Se você não inventou, se você não disse, se você não tem nada a ver com isso... Tem quem inventou.

Entrevista - Seu Lunga, essa imagem que se criou do senhor atrapalha em alguma coisa a sua vida?

Seu Lunga - Atrapalha! Atrapalha! Porque vocês estão me atrapalhando, né? (risos prolongados).

Olhe, vocês estão me atrapalhando porque eu tava fazendo um serviço lá dentro, vocês vêm aqui conversar bobagem, isso, aquilo, lá vai; fazer pergunta imbecil, pergunta besta. Então, atrapalha. Olhe, com licença! (fala de forma mais brusca) De um dia desses pra cá já veio um bocado de repórter... Tem até um senhor ali que veio, fez uma reportagem aqui comigo. Aí lá vai outro menino que queria fazer. Amanhã já tem outro, isso, aquilo... Eu não tenho tempo pra isso. Outra: eu não ganho nada com isso; outra: e cada vez mais, viu, passa um cara aqui e ficame gozando. É chato isso. E outra: se dissesse o que eu sou, tá bom. Eu não acharia ruim.

Entrevista - O senhor disse que as pessoas dizem o que o senhor não é. Então, como é o Seu Lunga?

Seu Lunga - Não precisa eu dizer.

“...a gente aceita porque às vezes não quer receber mal (...) Quer dar uma satisfação. (...) mas cada dia que um repórter chega aqui, que eu dou uma entrevista, vai ficando pior.”

Eu já sei como é que eu sou, eu já sei o que é que eu sou.

Entrevista - Mas a gente que não lhe conhece quer saber como é o Seu Lunga.

Seu Lunga - Você só sabe como é uma pessoa quando comer três sacas de sal junto. Então aí, você sabe se eu sou ladrão, se eu sou preguiçoso, honesto, corredor, vagabundo... Então, você só sabe com a convivência. Você só sabe se eu sou honesto quando você luta mais eu, quando você dialoga, quando você faz comércio mais eu. Mas não... Só "bom dia", "boa tarde", "boa noite"... você não sabe. E outra: você não pode julgar os outros por si, nem você pode julgar porque ouviu dizer. É você saber a verdade.

Entrevista - Seu Lunga, o senhor disse que essas entrevistas atrapalham a vida do senhor...

Seu Lunga - Claro que atrapalha!

Entrevista - ...Por que, então, que o senhor aceitou receber a gente? (risos)

Seu Lunga - Criatura (meio alterado), a gente aceita porque às

vezes não quer receber mal aquela criatura. Quer dar uma satisfação. É essa a origem de a gente às vezes aceitar qualquer coisa, mas cada dia que um repórter chega aqui, que eu dou uma entrevista, vai ficando pior.

Entrevista - Mas o senhor não acha interessante um espaço até para mudar essa imagem do senhor?

Seu Lunga - Eu acho que não tem mais espaço pra mudar. Não existe.

Entrevista - O senhor acha que essa história vai continuar do jeito que tá?

Seu Lunga - Eu acho que vai continuando, como a cantiga da perua: "de pior a pior, de pior a pior, de pior a pior..."

Entrevista - O senhor já viu no jornal ou na televisão alguma entrevista que o senhor deu?

Seu Lunga - Já.

Entrevista - Já? O senhor achou que mentiram a seu respeito ou que falaram a verdade?

Seu Lunga - Não. Sempre há essa história. É sempre considerando essa coisa. Mas aí... oh, (mostra os dedos da mão novamente) não são iguais. O que atrapalha é a criatura que quer zombar, chatear, fazer pergunta imbecil... É muito chato. Veja, outra: esse camarada que fez esse cordel, eu tô até com vontade de processar ele, viu? Porque já pedi a ele que não fizesse. Como é que vai dizer uma coisa que eu não sou? Porque não diz o que eu sou? Se dissesse o que eu sou... Porque eu sou rígido em certas coisas. Muita gente quer só saber do preço. "Você tem ventilador? Qual é o preço?". "Você tem televisão? Qual é o preço?" Não! Olhe, eu tenho ventilador aqui de dez reais a trinta e cinco. Mas o povo quer só saber do preço. "É o preço?", "é o preço?". Eu digo: "Não, o preço é a última coisa..." Isso aí pode até servir pra vocês. Quando você for comprar qualquer objeto, uma propriedade, um ventilador, uma enceradeira... em primeiro lugar, você pergunta se tem; em segundo lugar, você examina aquela mercadoria se lhe agrada. Se lhe agrada, você pergunta o preço; se não agrada, não lhe interessa. Às vezes, eu boto aqui cem cocos. Aí, o camarada passa e pergunta: "Seu Lunga, quanto é os cocos?". "Eu não sei. Só sei quando eu contar". Porque a pergunta está errada. Ele pode muito bem perguntar quanto é um coco. Aí eu sei dar o preço. Quer ver? Eu pergunto a você: "quantas pessoas tem aqui, garota?"

Entrevista - Dezoito.



Seu Lunga estava com a barba bem feita, usava um chapéu de massa preto e vestia calça preta e camisa de um azul-tão claro que já se aproximava do branco.

No bolso da camisa com alguns remendos, entre outras coisas, havia uma caneta e um pente. Seu Lunga usava um relógio Orient e um anel no dedo anular da mão esquerda.



Não demorou muito e na loja de Seu Lunga aglomerou-se uma multidão de curiosos. Uma equipe da TV Verdes Mares aproveitou a ocasião para fazer perguntas ao entrevistado.

Seu Lunga - Nãaa!

Entrevista - Tinha dezoito quando a gente chegou, mas acho que entraram mais.

Seu Lunga - Que dezoito?! Tem muito mais que dezoito! Que conversa é essa?! Então tá errado!

Entrevista - Seu Joaquim...

Seu Lunga - Diga.

Entrevista - O senhor mora numa cidade onde a religião é muito forte na mentalidade das pessoas. O senhor é uma pessoa religiosa?

Seu Lunga - Sou.

Entrevista - Qual a importância da religião na sua vida?

Seu Lunga - Tem muita importância. Porque se você é uma criatura generosa, de responsabilidade, de caráter, de palavra, um homem do seu trabalho, desse jeito você já é religioso. A religião é isso: é você ter um espírito de personalidade, uma compreensão; é você não querer fazer mal a ninguém, não querer nada de ninguém. Aí você vive no seu trabalho, na sua responsabilidade, agindo da sua vida, cumprindo com o seu dever. Essa é que é a religião. Não é você chegar e dizer "meu santinho, não sei o quê e blabláblá" e andar gritando no meio da rua que é santo. Que nada! Religião é servir a quem bate na sua porta, a quem lhe procura. Se há a possibilidade de você servir, você serve. Se você não pode servir, não sirva.

Entrevista - Mas o senhor frequenta a igreja, vai à missa?

Seu Lunga - Frequento a igreja, vou à missa. Agora, não vou à missa todo dia nem todo domingo, mas eu sempre vou à missa. Toda vida eu assisto à missa de Padre Cícero, dia 20 (data da morte de Padre Cícero Romão Batista, em julho de 1934). Sempre vou duas vezes num mês à missa dia de domingo.

Entrevista - O senhor é devoto de Padre Cícero?

Seu Lunga - Sou devoto de Padre Cícero! E acredito que vocês devam ser também. Creia no Padre Cícero que é um santo aquele homem. Se existe santo, ele é um santo.

Entrevista - O senhor acredita no Milagre (que teria acontecido no dia 6 de março de 1889, quando a hóstia sagrada que a beata Maria de Araújo recebeu do Padre Cícero se transformou em sangue na sua boca)?

Seu Lunga - Acredito porque quando eu cheguei aqui no Juazeiro só tinha casa dali da Estação pra cá. Eu vim pra cá em 47. Em 47, da Estação (Ferroviária) pra cá não tinha casa; do Salesiano (Colégio Salesiano, um dos

mais tradicionais da cidade) pra lá não tinha casa. A história que o povo conversava aqui era essa: pra lá da estação iam fazer uma grande igreja. Vinham os padres fazer uma grande igreja. Vá lá que você vê! Os franciscanos. Só tinha casa lá na Lagoa Seca (bairro periférico de Juazeiro). Até você chegar em Barbalha só tinha uma casa. Mas aí a história que o povo dizia é que o derradeiro sobrado de Juazeiro é na Lagoa Seca. Vai lá que tu vê o Santo Inácio! O hospital lá. Prediozão danado! Palácio danado! Aí ele dizia que Crato, Barbalha e Juazeiro iam se emendar. Aí, tão quase emendadas.

Entrevista - Você acha que ele também é um pouco profeta?

Seu Lunga - Não, ele não é nem profeta... Eu vou contar uma. Chegou umromeiro aqui, andou pra cima e pra baixo, foi lá na casa dele, chegou lá e disse: "Padre Cícero, eu quero que o

“O que atrapalha é a criatura que quer zombar, chatear, fazer pergunta imbecil... É muito chato. (...) Porque eu sou rígido em certas coisas.”

senhor me faça um milagre pra quando eu chegar na minha terra contar". Ele disse: "Meu amiguinho, eu não sou santo, não obro milagre". Mas o cabra tinha vindo a pé e aqui no Pernambuco, num riacho, matou um bode alheio, enterrou o couro na areia, trouxe a carne e veio comendo. Aí (Padre Cícero) disse: "Olhe, eu não sou santo nem obro milagre, mas você, quando passar..." Aí disse o nome do lugar, deu o sistema da areia... "Quando chegar lá, você vá pagar o bodinho que matou quando vinha e enterrou o couro lá no pé daquele pau. Faça isso senão você tá condenado" (com voz lenta e baixa).

Entrevista - O senhor é religioso ao ponto de participar das romarias (que chegam a reunir por ano cerca de 1 milhão de pessoas em visita ao túmulo de Padre Cícero. O período de maior aglomeração de devotos é de 30 de outubro a 2 de novembro - Dia de Todos os Santos e dos Romeiros)?

Seu Lunga - Não, meu bem. Sempre quem faz parte de tudo são as criaturas que têm menos responsabilidade. Minha família é grande e o

cabra fica na luta. No fim, não tenho tempo de estar na casa de seu fulano. Só vou na casa de uma criatura quando eu tenho um comércio com ele, um negócio, uma coisa, isso, aquilo... Não ando passeando, não tenho tempo.

Entrevista - Nas romarias, o senhor se veste de preto e acompanha? (No dia 20 de julho, aniversário de morte de Padre Cícero, Juazeiro se veste de preto e assiste à missa que reúne cerca de 100 mil pessoas)

Seu Lunga - Não. Você, pra ser religioso, não precisa tá se mostrando na presença do povo. Você levar uma criatura pro hospital, ajudar na manutenção dele, fazer uma caridade, fazer o possível é que é religião. Não se trajar de preto, botar uma gravata, aquele negócio, ficar com uma vela, com um negócio na frente, não. Não admito essas coisas, não. Jesus disse: "Dar com uma mão que a outra não veja".

Entrevista - O senhor é uma pessoa que já teve envolvimento com política, foi candidato a vereador em 1988. Sendo assim, como é que o senhor poderia fazer uma análise da política do Estado? O que o senhor acha da política do governador (Tasso Jereissati)?

Seu Lunga - Homem, eu acredito, com os meus botões, que o nosso governador é um grande governador. Por quê? Porque você vê o diálogo, o bate-papo por aí dos outros Estados... O nosso Ceará é um Estado pobre... Essa é que é a vantagem, é você construir as coisas quando não há muito recurso, só com o esforço. Nós não temos fábricas e mais fábricas, rendimentos, isso e aquilo, lá vai. Eu acho uma grande vantagem no nosso governador!

Entrevista - Então, o que o senhor acha do presidente Fernando Henrique, já que o senhor diz que no Brasil há uma grande injustiça?

Seu Lunga - Criatura, a gente fica entre meia pedra e meio tijolo, como diz a história. É uma grande vantagem ele estar sustentando esse Real porque num País com inflação não tem condições de se viver. Qualquer inflação. Com uma inflação de vinte por cento, quinze por cento, ninguém tem condições e nem quer negociar com esse país, porque é um fracasso. Sim, vou fazer uma pergunta: quem é de vocês que sabe quantos países tem no mundo? (pausa) Quem é que vai me responder?

Entrevista - Ninguém (risos).

Seu Lunga - Olhe, pois eu vou responder pra vocês. Eu não sei diretamente não, mas olhe, é mais de

Estabeleceu-se uma relação de certa "intimidade" entre Seu Lunga e alguns estudantes que estavam mais próximos dele, embora um balcão o separasse da turma.

duzentos países. Eu já fiz essa pergunta a várias professoras e nenhuma me respondeu. Até ontem ninguém me respondeu quantos países tem no mundo. Agora, nas Olimpíadas deu na televisão que tinha cento e noventa e sete países fazendo parte das Olimpíadas. Havia países que não faziam parte das Olimpíadas. Então, é quase duzentos países; ou que seja mais de duzentos países! (*Segundo o Almanaque Abril de 1998, são 194 países distribuídos pelos cinco continentes*). Quem é que quer negociar com um país com inflação? Porque esse comércio de país pra país é um comércio alto. É dois bilhões, cinco bilhões... É muito dinheiro! E outra: com prazo. É até cento e vinte dias, mais de cento e vinte dias. Se você vender um bilhão, um milhão mesmo - vamos botar pouco -, pra você receber com cento e vinte dias, num país com inflação de vinte por cento, quanto é que você vai receber quando você terminar? Quanto foi que você perdeu? Ninguém tem condições de viver em um país com inflação.

Entrevista - A estabilidade da moeda é importante...

Seu Lunga - É importante, é importante.

Entrevista - Mas o senhor não acha que a área social tá sendo esquecida nesse momento?

Seu Lunga - Meu bem, tem tanta coisa esquecida... Cada cabeça é um mundo. Eu acreditava, e acredito ainda, que dentro das minhas possibilidades, no meu pensamento, na minha lógica, na minha visão, que o governo agora deveria investir nos presos. Repara que loucura! Vocês não sabem quantos presos têm dentro do Brasil! E por que é que esses camaradas estão presos? Porque não têm a coragem e nem as coisas estão andando num certo jeito de progredir. Então, são os que não trabalham. Para o governo investir nesses presos, era fazer penitenciária grande e botar lá uma metalúrgica, uma serraria, uma fábrica... pra esses presos estarem trabalhando e pra ele (o governo) não estar sustentando preso só comendo e idealizando coisa. Esses presos trabalhando lá dentro, dando produção ao País. Toda vantagem de qualquer um de nós é trabalhar. É trabalhando que você vence. Porque eu tenho até aqui num caderno vinte e tantas pessoas que me enganam, que eu ajudei...

Entrevista - Devedores?

Seu Lunga - Eu tô falando, garota! Eu tô falando! Não precisa nem você me fazer essa pergunta (risos nervosos

da platéia). Bom, eu tenho aqui no meu caderno fulano, beltrano... que eu ajudei. E bota o cabra pra trás com mil reais, quinhentos reais, dois mil reais... Eu acho que o espírito, a personalidade, a compreensão da gente é a gente querer ser humilde. não é querer ser grande sem ser. Como é que você quer ser grande sem ser? Não há possibilidade! Olhe, você vê milhares e milhares de gente, agora com esse real, só quebrando, quebrando... Eu não tenho medo de quebrar, porque eu não vou confiar nisso ou naquilo. Eu confio no meu trabalho. Eu vou fazer minhas coisas de acordo com as minhas possibilidades. É pensar que as coisas não caem do céu.

Entrevista - Se o Fernando Henrique se candidatar, o senhor votará nele?

Seu Lunga - Tá muito cedo ainda. Só que eu, com licença, vou dar minha

“Sou devoto de Padre Cícero! E acredito que vocês devam ser também. Creia no Padre Cícero que é um santo aquele homem. Se existe santo, ele é um santo.”

opinião aqui: eu não voto no Lula. Eu não voto no Lula porque eu acho que Lula não tem a dignidade, a estrutura, não tem a personalidade, o raciocínio, a compreensão de governar um país como o nosso. Porque eu assisti pela televisão quando ele foi candidato a presidente. Ele disse: “Meus amigos, o governo está dizendo que pra subir o salário mínimo é um protocolo”, dizendo que é uma coisa simples, quando não; é uma coisa difícil! Você raciocinando, é uma coisa difícil, não é fácil! E o cara bota tudo fácil. Não é fácil! Vamos supor: você pra comer o seu feijão, primeiro vai catar na roça, debulhar, lavar aquela panela, lavar o feijão, catar o feijão, botar a água, botar no fogo, botar sal, temperar; aí botar num prato, botar na mesa, se sentar, pra poder comer. Tudo é difícil! Agora, o vagabundo, a criatura que não pensa, diz: “Nada! Isso é fácil”. Não é fácil. Agora, eu acho que o nosso governo tem que botar justiça no Brasil ou então acabou-se. Você vai ter que pagar o tanto que deve. Tanto eu como você. Você vê no banco é roubo; na

secretaria, é roubo; na empresa, é roubo; tudo é roubo. Não pode ser assim, não tem condições.

Entrevista - Roubaram os seus votos quando o senhor foi candidato a vereador?

Seu Lunga - Roubaram! Quando estavam apurando os votos aqui, chegaram seis criaturas aqui que votaram numa urna. “Seu Lunga, pode reclamar porque eu votei no senhor nessa urna, eu votei lá”. E não apareceu um voto. Seis. Fora os outros. Quer dizer que...

Entrevista - Que motivos levaram o senhor a se candidatar a vereador?

Seu Lunga - Eu vou lhe fazer uma pergunta: que motivo fez você vir pra cá? Por que você veio pra cá? É influência! São aqueles camaradas; você está dentro daquele ambiente... aí se influencia e vem. É essa a mesma resposta porque eu me candidatei a vereador.

Entrevista - Alguém traiu o senhor? Alguém que ia lhe dar apoio e não deu?

Seu Lunga - Homem, quem é que não trai! Hoje só existe safadeza, não existe honestidade não!

Entrevista - Seu Joaquim, quais eram as suas propostas enquanto candidato?

Seu Lunga - Ninguém pode contar com o ovo no fundo da galinha. Eu acho um grande erro. Vereador não tem projeto. Você só pode dizer que é um bom dançador quando você for pras festas e o cabra tá tocando. Se o tocador não toca, como é que você dança? No meu modo de pensar, o prefeito tinha que prestar conta ao povo; o governador tinha que prestar conta ao povo; o presidente tinha que prestar conta ao povo. Porque aí eu chegava e atacava o prefeito com base, com lógica. Eu dizia: “O prefeito não fez isso, isso, isso, mas tinha o dinheiro assim”.

Entrevista - Que experiências o senhor tirou da candidatura? O senhor tem pretensão de se candidatar novamente?

Seu Lunga - Não, principalmente num Brasil desse, onde só tem salafário, só tem safadeza, só tem ruindade. Como é que um cara faz um cordel dizendo um bocado de coisa que eu não sou? Aí esse camarada quer ser gente? Isso é um salafário, um cabra sem-vergonha! Como é que eu vou dizer que você é um ladrão sem você ser? Como é que eu vou dizer que você é um preguiçoso sem você ser?

Entrevista - O senhor viveu a época da ditadura no Brasil. O senhor acha que essa época era melhor do que hoje?



A poesia que ele dedicou à aluna Leticia Amaral já havia sido proferida à repórter Rozane Quezado numa entrevista em janeiro de 87.

Três funcionários trabalham diariamente na loja com Seu Lunga: José Sebastião, Francisca e Eleni. A mais antiga na loja é Francisca, que trabalha na solda e recebe quinze reais por semana.



Eleni, uma das funcionárias, considera Seu Lunga um bom patrão, mas confessa risonha que pensa duas vezes antes de dirigir alguma palavra ao chefe.

Seu Lunga - A gente precisava ter um homem mesmo, um ditador... O Brasil só pode melhorar com a ditadura porque (agora) o dinheiro só dá pros deputados, só dá pros senadores, pros ministros. E outra: quando chegam as verbas, quando chegam as coisas, o povo aqui tira tudo. Na ditadura era assim: quando o camarada, de qualquer setor, fazia subterfúgio, seus bens eram confiscados pra pagar o que ele tirou. E ele perdia o emprego. Mas hoje, não! Você vê esse deputado que fez essas bandalheiras todinhas... Ainda tão com águas mornas querendo vir a negociar a cassação do mandato dele. Aquilo não tem conversa não! Era pra no outro dia ser cassado o mandato, rapaz! Pra que, essa cachorrada toda. esse blablablá?! E ele disse *bocalmente*: "Roubei, tirei, fiz isso!!". E outra: fazer um prédio pra matar o povo?! É um salafitário!! Isso é homem?! Como é que eu vou fazer um negócio que eu sei que vai cair por cima de vocês e mando vocês entrarem? Não dá. (*Seu Lunga se refere a Sérgio Naya que no dia 15/04/98, onze dias depois desta entrevista, teve o mandato de deputado federal cassado e os direitos políticos negados por oito anos, por falta de decoro parlamentar em afirmar que falsificava documentos para obter vantagens políticas. O processo de cassação foi motivado pelo desabamento de parte do Edifício Palace II - em fevereiro/98, que matou alguns moradores e teve de ser implodido. O prédio apresentava irregularidades em sua estrutura e foi construído pela empresa Sersan, cujo proprietário é o próprio Sérgio Naya, que também perdeu o registro de engenheiro por ter autorizado a construção da obra.*)

TV Verdes Mares (uma equipe desta emissora, afiliada da Rede Globo, aproveitou a ocasião para fazer uma matéria) - **Seu Lunga**, o senhor já se tornou um personagem conhecido no folclore regional. O que o senhor acha disso? O senhor acha uma coisa boa ou uma coisa ruim?

Seu Lunga - Não acho boa por causa disso: uns admiram e outros vêm com chateação. Os que vêm com chateação aborrecem. Ninguém é santo. Pra que palavra mais carinhosa, mais doce, mais delicada, mais boa e mais bonita de que "santo"? Mas se eu lhe chamo de santinho com chateação, você não vai achar bom. O povo chateia muito. Eu vou passando e o povo vem com chateação. E já tá bom a entrevista

de vocês que eu tenho o que fazer, eu ainda tenho umas coisas pra fazer.

Entrevista - Seu Joaquim, pode fazer um última pergunta, então?

Seu Lunga - Se você quiser, né?

Entrevista - Tudo bem. O senhor já falou a sua opinião sobre o governador do Estado e o presidente. Mas sobre os políticos do Juazeiro, qual a sua opinião? Por exemplo, pessoas como Mauro Sampaio (atual prefeito), Carlos Cruz (prefeito de Juazeiro de 1989 a 1992), Manuel Salviano (prefeito de Juazeiro de 1993 a 1996)...?

Seu Lunga - Infelizmente, hoje, por causa da democracia, não tem prefeito bom, nem governador bom e nem presidente bom. Nenhum. Porque quando é bom pra um é ruim pra outro. O Brasil, agora, só há a possibilidade de melhorar com a ditadura. Aí que é difícil e é ruim pra todo mundo.

“A gente precisava ter um homem mesmo, um ditador... O Brasil só pode melhorar com a ditadura porque (agora) o dinheiro só dá pros deputados, (...) senadores, pros ministros.”

Entrevista - O senhor acha que a ditadura resolve as coisas?

Seu Lunga - Meu bem, o dinheiro sobra. É uma arrecadação tão grande no Juazeiro...! Mas com a bandalheira, a cachorrada, o subterfúgio... acaba. Com a ditadura, não. Aquilo ali permanece aquilo. Sai tanto dinheiro do cheque pra saúde... E daí, não tem dinheiro. Pra onde foi o dinheiro? Com a ditadura não se some mais. (*Refere-se ao Imposto do Cheque - a CPMF - Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira - em vigor desde janeiro de 1997 e que desconta 0,20% sobre qualquer movimentação financeira. O dinheiro arrecadado deve ser investido no setor de Saúde.*)

Entrevista - Em algumas entrevistas o senhor já falou muito sobre a questão da democracia, defendendo-a. Como é defender democracia e ditadura ao mesmo tempo?

Seu Lunga - Se nós fôssemos um povo civilizado, pra que coisa melhor do que viver na democracia, onde você tem liberdade, você dialoga com alguém,

você desabafa, você diz, você ouve, você troca idéia? Não é como na ditadura, que pra prender fulano não tem apelo. Mas nós somos civilizados. Por exemplo, eu sou um comerciante, aí boto um ponto de comércio aqui e vou botando as caixas no meio da rua. Quer dizer, isso não é democracia. Botando as caixas no meio da rua pra que o prefeito limpe? Não! O prefeito que limpe, não! Nós é que devemos limpar. Todo dia você tem que barrer a sua calçada, ajeitar, isso aquilo... Você vai tirar as coisas como sendo pra si: isso é que é democracia. Aquilo que você não quer pra si, não dê aos outros. Mas o cabra quer empurrar pros outros. Não é assim. Democracia é uma coisa excelente, se você... Entenda o que é democracia! Eu não vou chatear você porque não quero que ninguém me chateie. Engancho o ferro ali pra descer a porta, aí o cabra chega: "Seu Lunga, vai fechar? Você vai fechar? Você vai fechar?". Dez, doze vezes. Isso não é democracia!

Entrevista - Mas o senhor acha que é possível conviver com democracia numa ditadura?

Seu Lunga - Não. Ditadura é ditadura. Numa democracia o cabra chega aqui, me rouba. Eu pego o ladrão. Aí é de menor, não faz nada. Você tem que agüentar o tempo e esfriar.

Entrevista - Seu Lunga, todo mundo aqui vai se formar em Jornalismo. A gente vai ser repórter de televisão, de jornal...

Então, quase finalizando, a gente quer saber qual a sua opinião sobre os jornais, sobre a televisão... hoje.

Seu Lunga - Homem, a gente fica até decepcionado... Veja aquele Aqui Agora (programa noticioso sensacionalista que era exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão - SBT), aquele repórter mostrando os ladrões... Você faça uma análise e veja se a gente fica satisfeito. É dar a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e ao diabo o que é do diabo. Você vê aqueles soldado todos dando no povo sem necessidade. Aquilo é pra ser punido! E tem gente que fica satisfeita. Mas daqui a pouco, entram por uma porta e saem por outra, e ficam enrolando, enrolando, enrolando... Isso não é possível! Isso é uma cachorrada! A gente não tem alegria nem satisfação. É como chegar num canto, você estando com fome, aí dizem: "Nós vamos já botar a comida". Aí você sente o cheiro, mas não sai a comida. O que você me diz?

Entrevista - Você acha errado programas como o Aqui Agora, por exemplo?

Era preciso registrar o memorável dia 4 de abril de 1998 com uma fotografia, que reuniu os alunos, o professor Ronaldo Salgado, o motorista Mauro e... Seu Lunga, é claro!

Seu Lunga - Eu acho errado. Não devia mostrar aquilo. Só pra dar ansiedade ao povo e o povo ficar pensando nisso, naquilo... "Mataram três", "bateram"... Ai não houve punição!?

Entrevista - O que deveria aparecer na televisão?

Seu Lunga - Era umas coisas que fossem realmente... Essas novelas imorais não deviam aparecer; deviam fazer umas novela mais ou menos. Você acha bonito, decente essa novela do Zebedeu? (Novela Mandacaru, exibida pela TV Manchete este ano) Aquilo é uma *sem-vergonheza*, uma safadeza! Pra que fazer uma novela daquela? Eu acho erradíssimo aquilo! É minha opinião.

Entrevista - Seu Joaquim, pra finalizar, há algum tipo de lição ou de ensinamento que o senhor tenha aprendido ao longo da sua vida que gostaria de passar pra gente?

Seu Lunga - Olhe, ouça, grave bem isso: "Quem não olha pra frente atrás se fica". Sempre você deve pensar três vezes, você medir três vezes pra dizer qual o tamanho. Você erra menos. Então, é essa as experiências da vida da gente. Você chega, olhe... "Eu não medi, mas aí é mais ou menos esse tamanho". Não. Você faz um cálculo, mas o certo é você medir três vezes pra dizer. Tanta gente que chega e diz bobagem. Aí o cabra diz: "Não. Fulano é um cabra sério, fulano só diz uma coisa com base, com lógica". Mas não. O cabra começa a conversar besteira.

Entrevista - Seu Lunga, o que o senhor achou da entrevista? O senhor acha que a gente perguntou muita besteira ou foi bom? Foi melhor do que as outras? (risos)

Seu Lunga - Não sei (sorri). Vai depender da publicação que vocês fizerem.

Entrevista - Muito obrigada, seu Lunga.

Entrevista - A gente quer agradecer ao senhor a disponibilidade. Obrigado.

Seu Lunga - Olhe: a mulher pra ser bonita/ precisa ser alta e bela/ tendo o corpo desenhado/ morena cor de canela/ mas os rapaz da ribeira/ tão tudo louco por ela.

Entrevista - (aplausos) Êêêêêê...



Depois da entrevista, estudantes e professores puderam deliciar-se com a visão panorâmica de Juazeiro do Norte e com os atrativos do Crato.